

## **A DEMANDA DE MARCOVALDO: APROPRIANDO-SE DO BANCO-CAMA NA CIDADE**

Fernanda Cristina De Paula.  
Doutoranda em Geografia Instituto de Geociências,  
Universidade Estadual de Campinas (IG/Unicamp)  
[depaula.fernandac@yahoo.com.br](mailto:depaula.fernandac@yahoo.com.br)

Eduardo Marandola Jr.  
Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas,  
Universidade Estadual de Campinas (FCA/Unicamp)  
[eduardo.marandola@fca.unicamp.br](mailto:eduardo.marandola@fca.unicamp.br)

### **APROPRIANDO**

Qual o sentido, ou quais os sentidos da experiência geográfica? Esta pergunta perpassa o interesse geográfico pelas geografias vividas, pelas maneiras próprias das pessoas estabelecerem relações espaciais originárias que, em última análise, implica sua própria existência (DARDEL, 2011).

A experiência nos intriga. É uma busca, é uma perseguição que nos induz, nos provoca. Experienciar o espaço, desenhando geografias, é elementar. Mas nesta frase geral, ampla, ocultam-se muitos sentidos: intencionalidades que ajudam a compreender as muitas formas de ser-no-mundo.

Neste ensaio, buscamos o sentido da apropriação, entendida como base de constituição de territorialidades existenciais, vividas. Se há territórios, há um sujeito que intencionalmente tenciona o geográfico em busca de uma apropriação.

Outra forma de colocar a mesma questão seria invertê-la: é possível existir sem apropriar-se do espaço? E: seria este apropriar-se manifesto geograficamente por territorialidades?

Ajuda para pensar estas perguntas emergem das páginas literárias do escritor italiano Italo Calvino, mais especificamente em *Marcovaldo ou as estações na cidade*, livro tragicômico, de realismo-fantástico (MARANDOLA, 2010). O livro é um conjunto de contos, cômicos, centrados em Marcovaldo: proletário, residente de uma grande cidade, casado, pai de três crianças, vivendo em um cômodo pequeno, com aluguel sempre atrasado. A cada conto, que se passa a cada estação (são cinco os ciclos sazonais no livro), acompanhamos a personagem em suas tentativas sempre frustradas de encontrar e viver uma natureza (a floresta, o colher, o caçar, o som de pássaros) na cidade. Marcovaldo, a cada conto, tem por demanda a “natureza”, a qual nunca é suprida.

Assim, em busca do sentido da apropriação, nos “apropriamos” da narrativa literária, buscando os sentidos que reverberam da demanda de Marcovaldo: a natureza na cidade, o lugar primitivo que ele nem conheceu. É o querer que deseja se materializar territorialmente, o qual depende da apropriação para que haja a possibilidade de sua constituição. Neste caminho, a própria demanda é revelada outra, e a cama se mostra essência do sentido de abrigo, e do ser próprio, fundamento da real demanda de Marcovaldo: espaço que o permita ser ele mesmo – território.

## MARCOVALDO E SUA DEMANDA: NATUREZA E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

O livro pode ser visto como uma série de contos tragicômicos que retratam uma só demanda: a busca de Marcovaldo pela natureza na cidade. Os contos se desenrolam em tentativas sucessivas frustradas de encontrar a natureza na cidade: um cogumelo nascido nos vãos da calçada, o rio azul para pescaria, a cidade vazia transformada em natureza primitiva. Marcovaldo anseia e busca esta natureza, desejando uma outra vida, que não a sua, que não a escassez de sua existência e a ausência de sentido no repetir enfadonho de suas tarefas como operário da cidade industrial. Todas as situações dos 20 contos do livro, portanto, surgem do descompasso entre o que Marcovaldo quer e o que ele de fato encontra, resultando sempre em frustração.

O que move Marcovaldo nesta demanda, de forma incansável, é a necessidade de apropriar-se do espaço: torná-lo próprio para que ele possa ser ele mesmo. Para refletirmos sobre este sentido de apropriação, a partir desse descompasso, nos detemos no conto “Férias num banco da praça”, que se passa no verão.

Há duas imagens fortes neste conto, ligadas a dois ambientes flagrantemente opostos, que podemos chamar de **espaço do desconforto** e **espaço da tranquilidade** (dada a força descritiva a partir da qual são apresentados e contrapostos). O primeiro é sua própria casa: pequena, quente, mal construída; o segundo é a praça que ele vê todos os dias, indo para o trabalho, mais especificamente, um determinado banco desta praça.

Marcovaldo sonha com a praça pela qual passa todos os dias (cumprir as oito horas de labor e, provavelmente, se deixar ficar para as horas extras). Ele sonha com essa praça, justamente por compará-la ao seu espaço do desconforto; esse não é apenas extensão material de coisas: é composto por situações, pessoas, sons, tarefas a serem realizadas, atitudes a serem aturadas. Marcovaldo está cansado desse espaço.

Quando esse espaço é descrito, as palavras utilizadas deixam entrever uma voz irritada, reclamona, enfasiada. Esse espaço é a família: Domitilha (a esposa) sempre reclamando, o bebê Paulino (filho) sempre chorando. Esse espaço é também a casa; mais especificamente, a casa no verão: o quarto de teto baixo e quente, as luzes dos postes se infiltrando pelas persianas, os cinco (ele, a esposa, os filhos) sob o mesmo teto. E o desconforto é ainda mais acentuado porque esse é o espaço do cotidiano: os berros de Paulino, os estribilhos de Domitilha, o despertador. Ruim é ser desconforto, pior é ser um desconforto diário.

Por isso Marcovaldo sonha, e ao sonhar, deseja. Passa todos os dias pela praça e sonha com a tranquilidade que ela deve oferecer. Quando a praça é descrita, as palavras são suaves, mais rebuscadas, a descrição é claramente o oposto do outro espaço (que é a família, que é a casa, que é casa no verão, que é casa no verão com a família espremida sob o mesmo teto). O espaço da tranquilidade:

Indo a pé todas as manhãs para o trabalho, Marcovaldo passava sob o verde de uma praça arborizada, um quadrilátero de jardim público recortado no meio de quatro ruas. Erguia os olhos entre as copas dos castanheiros-da-índia, onde eram mais densas e só deixavam dardejear raios amarelos nas sombras transparentes de seiva, e ouvia o alarido dos pássaros desafinados e invisíveis nos ramos. Pareciam-lhe rouxinóis; e dizia consigo mesmo: [...] “Oh, quem me dera dormir aqui, sozinho em meio a esse verde tão fresco, e não naquele quarto baixo e quente; aqui no silêncio, não entre os roncões e conversas durante o sono de toda a família e correria de bonde na rua, aqui na escuridão natural da noite [...]; oh, quem me dera ver folhas e céu ao abrir os olhos!” (CALVINO, 2008, p. 11)

Esse espaço da tranquilidade, esse quadrado verde, é escape: da artificialidade e correria da cidade, da família, do cotidiano. Entre os sonhos com esse quadrado verde, Marcovaldo nota na praça um banquinho escondido, isolado, sob um castanheiro. “E Marcovaldo o escolhera como seu” (CALVINO, 2008, p. 11). Este banco constitui o centro do desejo de Marcovaldo: torná-lo seu se torna conforto e o objetivo de sua demanda.

Nas noites de verão, quentes, espremido no interior do sono agitado de sua família, Marcovaldo sonhava com o banco. Por um tempo, aquilo foi o suficiente para lhe oferecer conforto: a imagem da tranquilidade oriunda do espaço do conforto. Até que uma noite, silenciosamente, pegou o travesseiro e se dirigiu à praça, a fim de dormir em seu banco. Ele busca materializar o conforto, apropriando-se do banco.

Marcovaldo escolhera o banco como seu, no entanto, ao chegar à praça, se depara com um casal de namorados, sentados em **seu** banco. Marcovaldo fica incomodado, ultrajado. Não pensa em nenhum momento em buscar outro banco, pois o seu banco era aquele, ocupado no momento por namorados. Dessa forma, resolve dar voltas pela praça, esperando para que a hora avançada da noite faça os namorados irem embora. Já neste ponto, Marcovaldo pondera que esperar para conseguir dormir em seu banco, estraga a doçura; mas ele **persiste** na demanda.

Marcovaldo, espreita-os para calcular quando iriam embora. Os namorados brigam:

Ele dizia:

— Mas você não quer admitir que dizendo o que disse sabia estar me provocando um dissabor em vez de um prazer como dizia acreditar?

Marcovaldo percebeu que continuariam por muito tempo.

— Não, não admito. – respondeu ela, e Marcovaldo já esperava por isso.

— Por que não admite?

— Jamais vou admitir.

“Ai”, pensou Marcovaldo. (CALVINO, 2008, p. 12)

Marcovaldo dá mais voltas, retorna a seu banco e a discussão dos namorados sobre admitir ou não se inverteu e ganhou uma complexidade hilariante. O desejo de dormir no banco arrefece, mas Marcovaldo persiste. Por que a persistência?

Quando finalmente consegue acesso a seu banco, não é este o fim de sua demanda. A cada momento um novo fator vem perturbar sua tranquilidade.

Deitou-se no banco e procurou a melhor posição para dormir. Sentia certo pesar porque, ao deitar, não possuía somente vista das copas de árvores; a natureza esperada. Entre as árvores apareciam paredes onde estavam colados cartazes, a espada da estátua do general no meio da praça e, mais ao fundo, a luz intermitente de um semáforo. Estando ruim o sistema nervoso de Marcovaldo, a luz do semáforo o impedia de dormir. Para tapar a luz do semáforo passou por diversas peripécias: andar escondido, fugir do guarda noturno, se pendurar na estátua para colocar um ramo de folhas na espada, o qual escondesse a visão do semáforo.

Quando consegue se deitar novamente, passa a escutar e se irritar com o som da solda dos operários noturnos, em uma esquina próxima. Querendo sons naturais e tranquilizantes, de novo se lança em aventura de fugas e esconde-esconde para ligar o chafariz da praça. Novamente consegue dormir. Sonha com um banquete com a família, mas a comida do banquete se transforma em carcaças de rato. Abre os olhos e percebe o caminhão de lixo passando pela rua e exalando seu cheiro.

O guarda noturno, depois do susto de ver um ramo surgir na espada do general e de ver o chafariz de repente ligado, pensa ser uma alucinação o vulto de alguém de

quatro entre os arbustos, arrancando ramos do chão. Marcovaldo, sorrateiramente, volta para o banco da praça com um maço de ranúnculos sob o nariz, a fim de tapar o cheiro do caminhão de lixo.

O banco não forneceu a natureza e a tranquilidade esperada. Seu espaço de tranquilidade, sonhado, se mostrou outro tipo de espaço do desconforto. Longe de conseguir efetivar a sua apropriação, tornado seu aquele espaço, ele teve, em outra escala, o mesmo desconforto encontrado em casa.

Quando conseguiu, de novo, dormir já estava perto do amanhecer. Acorda com o sol estourando, impiedoso, sobre seus olhos; com as máquinas de irrigar da praça quase o molhando; com a cidade (seus sons, seus veículos, suas pessoas) bombardeando-o visual e auditivamente. Com o corpo dolorido e a vista cansada, sai correndo (se arrastando) para o trabalho.

### “E MARCOVALDO O ESCOLHERA COMO SEU”

É latente o contraponto entre “escolher como seu” e “tornar seu”. A escolha de Marcovaldo não se concretizou na apropriação daquele espaço. Por que?

Tornar seu é tomar posse, é tornar próprio, é trazer algo que não era seu para si. Quando Marcovaldo escolhe o banco como seu, ele realiza um primeiro movimento de apropriação, no campo simbólico. É a ação intencional do *self* em direção ao objeto que o deseja e o busca.

Intencionalidade é a ação de direcionar-se a um objeto, sendo esta a maneira como, cognitivamente, a mente se direciona ao mundo circundante (HUSSERL, 2006). Isso significa que os objetos não estão passivos, nem nossa percepção ocorre de forma aleatória: nos direcionamos aos objetos, e eles resistem a nós, nessa relação há o acontecer fenomênico. Isso implica uma ação, que inclui a escolha e as intenções (juízos, na visão de Merleau-Ponty (1971)) de um **sujeito** consciente, presente no **mundo**. A constituição do mundo prevê a existência de multiplicidades de coisas, possibilidades, ações. E o sujeito é dotado de intencionalidade e volição, as quais movem nossas trajetórias, ou seja, todos temos uma ou mais demandas que orientam nossas ações. Algumas são claras, outras obscuras, algumas são sequenciais, outras caóticas. Mas o lançar mão das coisas do mundo intencionalmente é uma das maneiras próprias de nos colocarmos nele, conforme mostra o filósofo M. Heidegger sobre o ser simplesmente dado (das coisas presentes independentes de seu uso) e o ser à mão (que são as coisas que estão prontas para o uso, que tem um sentido de instrumento básico) (HEIDEGGER, 2002).

A intencionalidade expressa, portanto, uma consciência voltada para o mundo, com vistas a manejar um instrumental que permite a manipulação da facticidade do mundo. Assim, a demanda de Marcovaldo, ao escolher o banco como seu e se esforçar por apropriá-lo, pode se realizar por meio da ação que concretiza seu desejo.

A demanda de Marcovaldo seria satisfeita ao lançar mão deste instrumento, banco. Para alcançar a tranquilidade almejada, Marcovaldo precisa de um outro lugar, um espaço da tranquilidade (banco-verde-escape) que o permita deixar o espaço do desconforto (casa-família-cotidiano). Mas é necessário notar que o espaço do desconforto não é apenas o espaço privado, da casa: o desconforto é com todo o constructo urbano, com toda uma forma de ser-e-estar-no-mundo. É a cidade, com sua artificialidade, agitação, nervos à flor-da-pele, frenesi, labor. Esse espaço do desconforto impulsiona Marcovaldo à correria, coloca seu corpo em contato com sons e atitudes que lhe despertam irritação, que envolvem problemas/deveres dos quais é

responsável por resolver e pelos quais está saturado. E isso tudo no calor de uma habitação precária, apertada, quente.

O espaço do desconforto promove o estado permanente de descentração do *self*, que se sente desconfortável, deslocado. Se partimos da ontologia que **nós somos nossos lugares** (MARANDOLA JR., 2012), o sentido de buscar um espaço de tranquilidade, livrando-se do desconforto significa que no espaço do desconforto não é possível ser plenamente. Dito de outra maneira, Marcovaldo não consegue ser ele mesmo enquanto está em sua casa, e não consegue dormir por tudo aquilo que o incomoda lá. Por isso ele busca um outro espaço que possa ser seu lugar, e que ali ele possa ser ele mesmo: um outro espaço (de preferência, com características flagrantemente opostas) permitiria um outro modo de estar e de ser. Para Marcovaldo o **banco** (e com ele, o verde, a natureza) vai permitir ao *self* um estado de tranquilidade. É por isso que Marcovaldo sonha.

O sujeito, dotado de intencionalidade, baseando-se em seu conhecimento experiencial e nas suas estruturas de significados, busca entre as coisas/eventos/possibilidades do mundo uma porção do espaço que se con-forme ao seu contexto. “E Marcovaldo o escolhera como seu” (CALVINO, 2008, p. 11).

Assim, apropriar o banco corresponde a manejar o próprio (o *self*) de Marcovaldo. Os lugares onde nossa identidade está inalienavelmente engajada participam do nosso próprio, do *self*. No entanto, poderíamos perguntar: mas a casa-família-cotidiano já não é o próprio de Marcovaldo? Por que só a relação dele com o banco da praça deveria ser explorada para refletir sobre apropriar o espaço?

Para responder, ponderemos sobre o sentido dado por Marcovaldo ao banco: ele escapa de seu espaço do desconforto, durante a noite quente de verão, em busca de um lugar de repouso, e faz do banco da praça sua **cama**. Bollnow (2008) mostra o sentido essencial de abrigo que a cama expressa, como um possível centro da casa mais forte na modernidade, em substituição aos tradicionais fogão (*hearth*) e à própria mesa. Segundo o autor, hoje, com a individualização das trajetórias e a importância do espaço privado e dos indivíduos, é possível que a cama simbolize de forma mais completa, ou mais específica, a força da casa como abrigo. É na cama que nascemos e morremos, é nela que nos refazemos, a cada dia: é a cama o espaço mais íntimo da casa, onde o homem está mais vulnerável, por estar mais protegido.

Bollnow (2008) mostra como o sentido de cama resguarda o centro da ideia de abrigo, que está associada à casa. É na cama que os heróis vinham se refazer, é na cama que recobramos nossas energias, é na cama que resguardamos a nós mesmos, dentro de uma casa que resguarda. O sentido de abrigo, revelado por Heidegger (2001) no sentido do habitar (*dwelling*), assim, estaria simbolizado em Marcovaldo na ação intencional de fazer do banco da praça sua cama: o lugar de tranquilidade que permitiria a ele ser ele próprio.

A demanda de Marcovaldo é perfeitamente expressa pelo fazer do banco sua cama, expressando o “característico anseio das pessoas por encontrar, na cama, uma paragem inabalável dentro do mundo [...]” (BOLLNOW, 2008, p.178). Marcovaldo esperava, portanto, encontrar naquele banco-cama o pilar que centralizasse o seu mundo, dando tranquilidade.

A postura deitada está em oposição ao homem ereto, que expressa a “tensão entre homem e mundo” (BOLLNOW, 2008, p.182). Ereto, o homem precisa esforçar-se para continuar nesta posição, contra todas as forças que o impelem ao solo. Deitar-se é abandonar esta tensão, este enfrentamento; é um entregar-se, e por isso precisa ser realizado no abrigo.

Por isso é tão desconcertante, para Marcovaldo, descobrir que no seu lugar de tranquilidade, o banco transformado em cama, a tensão não cessa: ela permanece obrigando-o a levantar-se; ato combativo que expressa a permanência da tensão com o mundo, que se nega a ceder à necessidade de conforto de Marcovaldo. Ao invés do distanciamento tranquilizador do mundo, este invade sua cama, tornado clara a não apropriação daquele espaço: ele continua um sonho, um desejo não completo que, assim como sua própria casa, lhe causa desconforto, impedindo-o de abrigar-se.

A cidade é um espaço hostil, que não acolhe, mas repele. Este desconforto, essência da cidade na perspectiva que Calvino desenrola no livro, impede a constituição de tranquilidade em qualquer espaço que seja concreto: Marcovaldo só encontrará refrigério em seus sonhos, e na sua demanda, sempre se frustrará.

O dia amanhece, Marcovaldo mal dormiu. Sem abrigo, levanta-se, e volta a enfrentar o mundo.

### “‘AI’, PENSOU MARCOVALDO”

Por que Marcovaldo, apesar de todos os percalços, insiste em dormir no banco da praça? Ainda, se o espaço é estratégia para poder ter outra existência, por que esse peso do espaço sobre a determinação do ser? Por que Marcovaldo não tenta criar a tranquilidade no espaço desconforto?

Sobre essas questões, podemos observar uma situação paralela. O filósofo Jean-Marc Besse faz uma reflexão sobre o poeta Petrarca; o qual foi considerado inaugurador de uma perspectiva moderna (pois, dessacralizada e curiosa) sobre a paisagem. Besse (2006) trabalha sobre a carta em que Petrarca inauguraria essa perspectiva. A carta versa sobre os tormentos da alma de Petrarca (sua acídia, que seria certa indolência, certa preguiça ou indeterminada tristeza que o impede de transformar suas vontades em verdadeiras ações). Considerado tomado de uma fraqueza espiritual, Petrarca concebe que o esforço físico de subir o Monte Ventoux seria também uma ascensão espiritual. Sofrer os transtornos da subida e ter a sensação de ser recompensado, no cume, pela leveza do ar, pela experiência visual da altura (a paisagem, lá do alto): a peregrinação do corpo (subida) e o êxtase do corpo (paisagem nunca vista) corresponderiam à ascensão e êxtase espiritual (BESSE, 2006). Tal como Marcovaldo, para resolver a inquietação ou angústia, Petrarca se volta para o espaço.

No entanto, é preciso notar que Petrarca, ao chegar ao cume, não encontrou a ascensão espiritual que almejava.

A contemplação a partir do cume não cria as condições de um êxtase, mas antes reconduz o poeta a um movimento de introspecção em relação a sua própria vida e à volubilidade de seus desejos. [...] Ele não descobre, nem reencontra, no cume, o centro e a unidade de sua existência [...]. E a bem dizer, o que caracteriza a reflexão do poeta é que, longe de tornar possível uma reapropriação do próprio eu, longe de realizar a unidade do eu, ela [a topografia visual, a paisagem] deixa subsistir a distância e a opacidade (BESSE, 2006, p. 6)

A leveza das alturas e a paisagem distante deveriam gerar êxtase. Mas não geram. O que a vista de cima do Monte Ventoux faz brotar no poeta é uma reflexão em relação à separação do eu e do mundo (distante, opaco, visto de cima) e uma dupla angústia: essa gerada pela separação eu-mundo e a outra vinda do fato de não conseguir a ascensão espiritual.

Diante disso, Petrarca, a partir (e junto) das cartas de Santo Agostinho, condena o espaço. Por que a peregrinação, a viagem, a busca de lugares seriam uma fraqueza da

alma, uma divisibilidade da alma. A alma forte (una) deve encontrar em si a paz de ser a paz de ser, e não no espaço (BESSE, 2006). Do ponto de vista de ambos, deveríamos condenar Marcovaldo pela sua demanda.

Ainda que concorde com Santo Agostinho e condene o espaço como uma fraqueza da alma, Petrarca segue viajando, buscando espaços. O poeta realça que seu constante viajar é penoso e doce; e que pararia com esse movimento perpétuo se encontrasse um lugar agradável em que colocaria todo o seu coração e sua perseverança para fazer dele seu lar (apropriar) (BESSE, 2006).

Fraqueza ou não da alma, o que permanece das considerações de Petrarca é que o espaço participa ativamente da condição existencial dos homens. Esta participação é também observada por outros autores, mas não como condenação do espaço e sim como o reconhecimento da dimensão ontológica do espaço (DARDEL, 2011; HEIDEGGER, 2012; SARAMAGO, 2008).

Por exemplo, quando Rousseau (2005) explana sobre porque amamos alguns lugares, ele diz que essa afinidade eletiva vem do encontro e da co-incidência entre o ser-geográfico e os convites do lugar. Dizer ser-geográfico é partir do pressuposto que o espaço é inerente ao ser; e os convites que os lugares fazem são aqueles: de propor formas de estar e de se dispor o corpo, de formas de interagir com os outros, de convites para disposições do humor. O espaço convida. Poderíamos então dizer que Marcovaldo sonhava com o banco-cama, aceitando ou imaginando certos convites?

Petrarca afirmou que persistiria em fazer de um lugar agradável um lar, caso o encontrasse. Persistir porque seria a co-incidência entre seu ser-geográfico e o lugar, seria onde encontraria um abrigo para a paz de ser quem ele é ou quem ele almeja ser.

Marcovaldo persiste em ficar em seu banco-cama porque este também lhe parece o lugar onde encontraria paz para o que almeja ser. Porém, Marcovaldo parece compreender os lugares de forma inocente; pois, mesmo pelas tantas desventuras que lhe acometem, ele insiste na sua demanda, permanece no banco-cama, até o amanhecer.

Em todos os contos, a busca pela natureza termina em fracasso, e por isso a demanda de Marcovaldo nunca se realiza completamente. Mas talvez não seja por inocência que ele não recue de sua demanda, nem a reconheça como vã. A força que o move é a do desassossego do espaço do desconforto, mais do que a atração dos espaços da tranquilidade. Talvez seja esta força que o impele: a impossibilidade de ser onde está, e a continuidade da busca se dá pela impossibilidade do abrigo. Em outras palavras, sem conseguir apropriar-se verdadeiramente de um espaço, tornando-o seu (ou seja, ele mesmo), a demanda prossegue, indefinidamente.

## APROPRIAÇÕES

*Quando se fala do homem e do espaço, entende-se que o homem está de um lado e o espaço está de outro. O espaço, porém não é algo que se opõe ao homem. O espaço nem é um objeto exterior e nem uma vivência interior. Não existem homens e além deles espaços.*

Martin Heidegger, 2001

Na quarta-capa da edição brasileira de *Marcovaldo ou as estações na cidade*, lemos que na medida em que o leitor acompanha Marcovaldo, acompanha também as formas como ele vai descobrindo as misérias da existência. Sua existência é miserável porque o espaço que quer apropriar, não existe – ou porque o espaço que ele tem, sua casa, não pode ser apropriado inteiramente por ele. Há miséria existencial porque lhe falta certa porção de espaço próprio.

O filósofo M. Heidegger, na conferência “Construir, habitar, pensar”, coloca o habitar (para além do morar em uma casa) enquanto traço essencial do homem. Traço essencial que diz respeito, necessariamente, à relação inalienável entre homem e espaço. Quando dizemos homens, Heidegger defende, já estamos dizendo espaço: “Não existem homens e além deles **espaços**” (HEIDEGGER, 2001, p. 130 – grifos do autor). Para o filósofo, habitar já é sempre um construir, é um dar instância e circunstância aos nossos traços essenciais nos espaços e lugares. Acompanhar a arqueologia do sentido de habitar clarifica a reflexão sobre o apropriar o espaço:

Mas em que consiste o vigor essencial do habitar? Escutemos mais uma vez o dizer da linguagem: da mesma maneira que a antiga palavra *bauen*, o antigo saxão “*wuon*”, o gótico “*wunian*” significam permanecer, “de-morar-se”. O gótico “*wunian*” diz, porém com clareza ainda maior, como se dá a experiência desse permanecer. *Wunian* diz: ser e estar apaziguado, ser e permanecer em paz. A palavra *Friede* (paz) significa o livre, *Freie*, *Frye*, e *fry* diz: preservado do dano e da ameaça, preservado de..., ou seja, resguardado. Libertar-se significa propriamente resguardar. Resguardar não é simplesmente fazer nada com aquilo que se resguarda. Resguardar é, em sentido próprio, algo positivo e acontece quando deixamos alguma coisa entregue de antemão ao seu vigor de essência, quando devolvemos, de maneira própria, alguma coisa ao abrigo de sua essência, seguindo a correspondência com a palavra libertar (*freien*): libertar para a paz de um abrigo. Habitar, ser trazido à paz de um abrigo, diz: permanecer pacificado na liberdade de um pertencimento, resguardar cada coisa em sua essência. O traço fundamental do habitar é esse resguardo. (HEIDEGGER, 2001, p. 129 – grifos do autor)

O habitar corresponde a espaços e lugares que permitam esse próprio: que sejam a instância e circunstância de nossos traços essenciais. Trilhando a relação ontológica homem-espaço de Heidegger, podemos colocar que um apropriar pleno do espaço corresponde a esse habitar digno. Corresponde ao abrigo da paz de ser. O espaço plenamente, satisfatoriamente, apropriado é, ao mesmo tempo, liberdade e resguardo: do ser.

O *self* se constitui à medida que o homem habita, intencionalmente, os espaços, tornando-os lugares. Mas há intencionalidades concorrentes. Marcovaldo, em seu itinerário tragicômico, busca espaços onde seja possível apropriar-se para habitar, erigindo o abrigo. A cama, feita no banco da praça, pode ser tão efetiva quanto a cama no castelo, mas a cidade não o acolhe. Seria pela própria praça, pela cidade ou pelas imagens de desejo que conduzem Marcovaldo em sua demanda? Em outras palavras: o fracasso na apropriação do banco está na impossibilidade da territorialização ou na inadequação da expectativa da personagem?

Quando Marcovaldo busca o banco, no início, e encontra o casal de namorados, ali a impossibilidade da apropriação é dada pela impossibilidade do ter o banco para si. No entanto, quando ele o conquista e se deita, fazendo o banco-cama, ele não consegue se apropriar por não conseguir ser aquilo que almeja. Apropriação, portanto, refere-se ao ser, não ao ter, e a constituição do *self* está amarrada a esta possibilidade. Mas em que está amarrada esta possibilidade?

À constituição efetiva de um território apropriado.

## REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia (trad. Vladimir Bartolini). São Paulo: Perspectiva, 2006.



- BOLLNOW, Otto F. **O homem e o espaço**. (trad. Aloísio L. Schmid) Curitiba: Ed. UFPR, 2008.
- CALVINO, Italo. **Marcovaldo ou as estações na cidade** (trad. Nilson Moulin). São Paulo: Cia das Letras, 2008. 130p.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**. (trad. Werther Holzer). Perspectiva: São Paulo, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: **Ensaio e conferências**. (trad. Emmanuel C. Leão) Petrópolis: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Ser e tempo**. (trad. Marcia Sá C. Schuback) 12ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. 3ed. (trad. Márcio Suzuki) Aparecida: Ideias & Letras, 2006.
- MARANDOLA, Janaina. O realismo mágico de Italo Calvino e a cidade. In: MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia H. B. (orgs.) **Geografia e literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010. p.257-295.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1971.
- SARAMAGO, Lgia T. **A topologia do ser: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger**. Rio de Janeiro: Loyola, 2008.
- ROUSSEAU, Francis. Parcours chorégraphique dans l'espace a-touristique de la baie de Tunis. **L'Espace Géographique**, n.3, p. 267-276, 2005.